



18, 19, 20 de outubro

SIMONDON E A EDUCAÇÃO

**Faculdade de Educação
Praia Vermelha / UFRJ**

SIMONDON E A EDUCAÇÃO

“Não devemos tentar modernizar, acrescentando novas atividades adicionais, um tipo de educação baseada em velhas estruturas. Já há alguns anos, assistimos a um conflito entre a procura de novas funções solicitadas no ensino e a sobrevivência de quadros estáticos anteriormente adaptados a outras funções hoje ausentes.” (SIMONDON, 2014, p. 236-237).

As primeiras publicações de Gilbert Simondon datam de 1953 e 1954, na publicação francesa Cadernos Pedagógicos, nos quais o então professor do Ensino Médio discutia seus métodos de ensino envolvendo a abertura e construção de máquinas, como televisores, telefones e radares. Seu principal objetivo, se podemos dizê-lo, consistia em combater a alienação técnica a partir do desenvolvimento de sensibilidades tecnoestéticas, resultantes de um aprendizado tanto abstrato quanto concreto e manual, de contato direto com objetos técnicos, depositários de conhecimento humano, de imaginação e de invenção.

Marcam esse período os ensaios intitulados respectivamente “Lugar de uma iniciação técnica em uma formação humana completa” (1953) e “Prolegômenos para uma reforma da educação” (1954), através dos quais Simondon preconiza a necessidade de converter os saberes adaptados à sociedade estável a uma nova fase da produção de saberes, a sociedade metaestável:



“Adaptar um ser a uma sociedade estável conduz à especialização, de modo a integrá-lo a um escalão da estrutura vertical. Adaptar um ser a uma sociedade metaestável, é dar-lhe uma aprendizagem inteligente que lhe permitirá inventar para resolver os problemas que se apresentam ao longo da superfície das relações horizontais.” (SIMONDON, 2014, p. 236-237).

Hoje, a contribuição de Simondon à educação abrange variadas temáticas, que vão do letramento tecnológico ao uso da tecnologia para fins pedagógicos. O ensino da arte, como fotografia e cinema, passando pelo som e demais expressões voltadas à percepção, incluindo especialmente a noção de informação, onipresente nas sociedades pós-industriais, todas vêm despertando interesse tanto acadêmico quanto artístico e serão abordadas ao longo dos três dias de seminário.

18/10 TERÇA

10h30 -12h30

Mediação: Bernardo Oliveira

THIAGO NOVAES (MAPP/UFC)

Ontogênese do espectro e política pública de comunicação na era digital

PATRÍCIA WEFFORT (UFPR)

Simondon como educador: do fetiche à tomada de consciência dos smartphones

PEDRO FERREIRA (UNICAMP)

Iniciação técnica hoje: do transistor à Intel

18/10 TERÇA

14h - 16h30

Mediação: Thiago Novaes

DOUGLAS LADISLAU (USP)

Inteligência artificial aplicada à educação: tecnicidade, evolução técnica e metamorfoses da escola

GUSTAVO DE ALMEIDA BARROS (UFSCAR)

Gilbert Simondon e os desafios da educação em tempos do silício

MARIA DE FÁTIMA DE LIMA DAS CHAGAS (NÚCLEO DE TECNOLOGIA EDUCACIONAL MUNICIPAL) E KARLA ROSANE DO AMARAL DEMOLY (UFERSA)

As experiências humana, social e técnica no cotidiano da educação: um diálogo inspirado nas ideias de Gilbert Simondon

19/10 QUARTA

10h30 -12h30

Mediação: Thiago Novaes

MAURÍCIO ROCHA (PUC-RIO)

Bento e Gilbert: individuação cognitiva e transindividualidade

DIEGO VIANA (USP)

Alienação, aprendizado, afetividade: tópicos para uma pedagogia simondoniana

ALINE VERISSIMO MONTEIRO (UFRJ)

Individuação, atenção e coletivos: Simondon e a escola como espaço de devir e utopia

19/10 QUARTA

14h - 16h

Mediação: Vinícius Portella

EMERSON FREIRE

(CENTRO PAULA SOUZA)

Por uma formação profissional tecnoestética: reflexões a partir de Simondon

BERNARDO OLIVEIRA (UFRJ)

Educação, experimentação e cultura técnica: sobre a individuação negra e a virada pedagógica afrobrasileira

HENRIQUE ANTOUN (UFRJ)

Pré-individual, transindividual e fantasma na teoria da cultura de Gilbert Simondon

20/10 QUINTA

10h30 -12h30

Mediação: Vinícius Portella

GABRIEL CID (UFRJ)

Desastre, individuação e nomadismo:
apropriações metaestáveis da divulgação
científica

HERMANO CALLOU (UFRJ)

Alienação e emancipação técnica em Simondon

GUILHERME FLYNN (UNICAMP)

Tecnodidática – O laboratório de tecnologia
e computação em teoria social: descolonização
e desalienação tecnopolítica da produção
de devires

RAFAEL ROLO (PUC-RJ/PROCURADOR DO ESTADO)

GILBERT SIMONDON E PAULO FREIRE:

formas de alienação e a libertação como
processo perene.

20/10 QUINTA

14h - 16h

Mediação: Bernardo Oliveira

CAROLINA PERES (UNESP)

Simondon educador e a experiência em arte

BERNARDO GIRAUTA (PPGCOM/UFRJ)

Reverberações entre a tecnoestética de Simondon e a Rússia revolucionária

VERONICA DAMASCENO (EBA/UFRJ)

Entre a tecnoeducação e a tecnoestética: Simondon educador

RESUMOS

ALINE VERISSIMO MONTEIRO (UFRJ) — INDIVIDUAÇÃO, ATENÇÃO E COLETIVOS: SIMONDON E A ESCOLA COMO ESPAÇO DE DEVIR E UTOPIA

Esse trabalho pretende tratar da importância da escola como espaço coletivo preservado e potente neste século XXI, onde individualizações e aprendizagens inventivas da atenção podem ainda ocorrer na presença e na simultaneidade dos corpos e dos afetos. Em uma sociedade onde as telas e as ações individuais permitem uma série de interações sociais digitais e à distância — que em muitos casos dominam os tempos e os imaginários de nossos modos de ser —, a materialidade, a temporalidade e os muros da escola são oportunidades de nos abirmos ao devir, à invenção e a processos de individualização e regimes atencionais que resgatam a experiência do nós, do social, das coletividades em seus potenciais pré-individuais e não formados. Partindo do pensamento de G. Simondon sobre individualização e das teses e estudos de Y. Citton e V. Kastrup sobre a tenção e aprendizagem, buscamos discutir o que pode a escola como espaço de aprendizagem inventiva, espaço de crítica e resistência às padronizações dos algoritmos, às distopias como caminho inevitável e ao controle do capitalismo de vigilância, tal como nos apresenta S. Bubboff. A escola como local onde ainda podemos escapar da reconhecimento sobre nós e sobre o mundo, onde possamos sonhar e inventar outros porvires, e onde a utopia possa voltar a ser um horizonte.

BERNARDO GIRAUTA (UFRJ) — REVERBERAÇÕES ENTRE A TECNOESTÉTICA DE SIMONDON E A RÚSSIA REVOLUCIONÁRIA

No período revolucionário soviético, muitos artistas e críticos se engajaram em uma tentativa de articulação, em um só movimento, entre a atividade artística e o desenvolvimento tecnológico e social do país. Estas experiências iam desde a produção de trabalhos de arte até a fundação de órgãos públicos de Estado. Grande parte das propostas assumia um caráter especulativo, pois sugeria uma relação entre arte e tecnologia que não podia ser explicada exclusivamente

por nenhum dos dois termos, mas produzida a partir da própria fricção experimental entre ambos. Assim, anunciava-se a necessidade de invenção de uma conexão até então inexistente entre a indústria nascente e a nova “arte proletária”.

Em certo sentido, a tecnoestética de Gilbert Simondon opera de modo semelhante. O autor afirma que um alto grau de tecnicidade implica uma grande margem de indeterminação, o que expressa uma insubmissão a quaisquer formas de utilitarismo ou determinismo técnicos. A “tecno-cena” do período revolucionário é marcada por experiências que não se desdobraram em tendências técnicas dominantes. Elas reverberam a perspectiva de Simondon ao especular, através de processos de invenção técnica, estética e social, tendências e processos cujas formas são ainda hoje desconhecidas.

BERNARDO OLIVEIRA (UFRJ) — EDUCAÇÃO, EXPERIMENTAÇÃO E CULTURA TÉCNICA: SOBRE A INDIVIDUAÇÃO NEGRA E A VIRADA PEDAGÓGICA AFROBRASILEIRA

O pensamento de Gilbert Simondon atenta para a realidade técnica na qual estamos imersos, propondo-se a reverter a “alienação psico-fisiológica na era das máquinas”, isto é, a tendência a desvincular a aprendizagem escolar daquilo que o pensador francês considera a “gênese dinâmica dos objetos técnicos”. Emerge a questão da experimentação e da invenção, pois a tomada de consciência dos modos de existência dos objetos técnicos requer uma *cultura técnica*, isto é, uma percepção ativa, concreta, física e fisiológica das relações entre a margem de indeterminação dos objetos técnicos e a intervenção da capacidade humana de invenção — a invenção como potência ontogenética capaz de gerar um ser “verdadeiramente inédito (...) por variação espontânea das formas existentes.” A alienação, portanto, não distancia apenas o humano do objeto técnico, mas interdita a renovação da conexão entre este mesmo indivíduo com a natureza.

Nos estabelecimentos de ensino brasileiros, este diagnóstico desdobra-se em paralelo a outras formas de alienação e preconceito. Com o ingresso de pessoas negras nas universidades públicas brasileiras, através da política de ação afirmativa, escancarou-se o abismo entre a pesquisa e a realidade do país. À alienação psico-fisiológica na era das máquinas, soma-se a alienação da formação do Brasil: foram os escravizados que, munidos de saberes milenares e de uma cultura mais profunda que a de seus capatazes, sustentaram, por séculos, a *cultura técnica* brasileira, inclusive criando novas formas de utilização, inventando novos usos, elaborando outras funções, elevando o grau de “tecnicidade” dos componentes técnicos. Foram, em suma, os organizadores permanentes de uma “sociedade dos objetos técnicos” que lavraram o campo e construíram as cidades, fomentaram a cultura e estabeleceram formas de luta, resistência e invenção da vida.

Partindo da vasta hipótese de uma “virada pedagógica afro-brasileira” à luz da teoria simondoniana e da possibilidade de assumirmos o conhecimento para além de seu sentido eurocêntrico, cabe perguntar sobre os termos da “individuação negra” preconizada por Ramón Amaro e Murad Khan. Para Simondon, a individuação não corresponde à uma variação da substância (substancialismo) ou de uma mera adequação entre matéria e forma (hilemorfismo), mas a processos operacionais que possibilitam um “desequilíbrio dinâmico” pré-individual, propulsionando de forma transdutiva as diversas relações entre usos e saberes, contendo em si as potencialidades do vir-a-ser. O “ser negro” de Fanon, caracterizado pela baixa densidade ontológica atribuída pelos filósofos europeus (“o indivíduo negro ocupa uma posição fora do conceito discursivo de Humano”), se revela uma abertura para a exploração de outras formas de ser, de sentir e se relacionar ciência e coletividade. A própria “individuação negra”, portanto, não se realiza como um retorno a um modelo, a um passado ou tradição, mas com a máxima incompatibilidade que força a própria capacidade de se reinventar, capacidade presente na cultura e no cotidiano do “ser negro”. Sua relação com a experimentação e a criação de novos conhecimentos, para além de um problema epistemológico, possibilita uma “reforma da cultura” e, assim, da própria concepção de educação.

CAROLINA PERES (UNESP) — SIMONDON EDUCADOR E A EXPERIÊNCIA EM ARTE

A perspectiva de um Simondon educador está intimamente relacionada com seu modo de pensar a individuação e a sua própria filosofia da técnica. Para além do plano teórico, o autor conduzia experiências práticas com seus alunos adolescentes orientando-os a reconhecer todas as camadas de um objeto, desde sua estrutura interna (operação de construção), o objeto construído a ser contemplado e o objeto em sua operação, ou seja, o funcionamento propriamente dito. Assim, sua abordagem teórica estava fortemente vinculada com a prática, evidenciando uma concepção de ensino que valorizava a experiência. Dado esse breve contexto, busca-se reconhecer em Simondon alguns pontos que evidenciem um perfil de educador para conduzir uma discussão voltada para a experiência em arte e processos de ensino vinculados à prática artística. Para isso, recorreremos a alguns autores conhecidos por trabalharem a experiência no contexto da educação, como John Dewey e Jorge Larrosa Bondía, para analisar possíveis aproximações ou distanciamentos, a fim de identificar contribuições do pensamento de Simondon para a reflexão de práticas em arte e educação.

DIEGO VIANA (USP) — ALIENAÇÃO, APRENDIZADO, AFETIVIDADE: TÓPICOS PARA UMA PEDAGOGIA SIMONDONIANA

Articulando esses três termos casualmente assonantes, empregados em diferentes momentos da obra de Simondon, a apresentação visa interrogar o alcance do projeto pedagógico-filosófico desse autor. Na recapitulação de seus cursos no liceu Descartes, publicada no volume *Sur la Technique* (2014), Simondon enfatiza a aquisição, pelo aluno, de um vínculo cognitivo e afetivo com as máquinas, que envolve a compreensão do funcionamento, mas também a emergência de uma sensação de potência. A ênfase nesse vínculo como objetivo pedagógico lança luz também sobre o modo como Simondon pensa a alienação técnica, em sua conexão com a alienação econômica. Stiegler prolonga a temática da alienação técnica por meio de sua reflexão sobre a proletarianização como perda de saberes e sabores, desindividuação e desafecção, também enfatizando a relação afetiva implicada pelos sistemas técnicos. Por

esse prisma, a prática pedagógica que incentiva um aprendizado direto do objeto técnico, estabelecendo uma relação de conhecimento e apreciação, aparece como sustentáculo em potencial de um projeto político emancipador. Essa potencialidade é a questão que examinamos nesta apresentação.

DOUGLAS LADISLAU (USP) — INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL APLICADA À EDUCAÇÃO: TECNICIDADE, EVOLUÇÃO TÉCNICA E METAMORFOSES DA ESCOLA

O objetivo desta apresentação oral é experimentar alguns conceitos presentes no livro *Do modo de existência dos objetos técnicos*, como tecnicidade e evolução técnica, em um campo denominado Inteligência Artificial aplicada à Educação (IAED). Trata-se de discutir os resultados parciais de um doutorado em andamento a partir da filosofia da técnica simondoniana. Procurar-se-á, complementarmente, explorar a hipótese da desintegração escolar presente nas recentes pesquisas do historiador português António Nóvoa.

EMERSON FREIRE (CENTRO PAULA SOUZA) — POR UMA FORMAÇÃO PROFISSIONAL TECNOESTÉTICA: REFLEXÕES A PARTIR DE SIMONDON

Embora Simondon não tenha sido um pensador da educação stricto sensu, sem dúvidas sua experiência docente e seus conceitos filosóficos trazem contribuições substanciais para a área. Não obstante poucos textos seus tratem especificamente do tema, notadamente os do *Cahiers pédagogiques* (1953-54) e trechos no *Modo de existência dos objetos técnicos* (MEOT), pode-se arriscar dizer que a tomada de consciência do sentido dos objetos técnicos pela cultura passa por uma concepção educacional particular e que culmina, de certa forma, com uma proposta justamente na área do ensino, a famosa carta-reflexão sobre a fundação de uma tecnoestética, esboçada em 1982. A Educação Profissional e Tecnológica, uma modalidade de ensino técnico e tecnológico, prevista na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), tem, ou deveria ter, a educação tecnológica como concepção fundamental para o exercício de profissões, o que implicaria uma constante discussão dessa concepção para além do ensino utilitário das tecnologias, como costuma ocorrer, ensino cada vez mais apartado da cultura e de outras formas de pensamento, como o estético e o filosófico. Uma educação tecnológica, se vista

a partir da perspectiva simondoniana, seria um local privilegiado para se pensar uma formação profissional tecnoestética.

Assim, o propósito aqui é levantar questões e reflexões sobre as possibilidades de se construir uma articulação entre a formação profissional e tecnológica levando em conta as contribuições de Simondon, principalmente o conceito de tecnoestética.

GABRIEL CID (UFRJ) — DESASTRE, INDIVIDUAÇÃO E NOMADISMO: APROPRIAÇÕES METAESTÁVEIS DA DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

A partir da leitura de Michel Serres, especificamente do livro *La naissance de la physique dans le texte de Lucrèce*, Deleuze e Guattari elaboram sobre um gênero de ciência que se afasta das “técnicas” e das definições historicamente consagradas às leituras objetivas da natureza. Haveria uma “ciência menor”, ou “nômade”, cujas preocupações não se confundiriam com os métodos e procedimentos da ciência dominante, “maior”. No cenário tradicional da divulgação científica, é comum nos depararmos com a ênfase em determinadas formas de relação com o real associados o regime da ‘ciência maior’, em modos de compreender a informação atrelados ao ‘já dado’, ignorando os elementos da realidade pré-individual que os informa. O culto aos especialistas, a palavra de ordem do cientista aliada à imagem da autoridade, objetividade e neutralidade, assim como a ênfase na associação entre verdade e valor, operam estratégias que reforçam a fixidez e a estabilidade, limitando a criação. Aproximando-nos de uma compreensão ‘metaestável’ da divulgação científica, nosso objetivo é trazer experimentações conceituais para analisar novos arranjos e sentidos criadores para sua prática, não mais voltados à nostalgia das essências e das formas. Perceber o desastre, o soçobrar das formas e seu caráter contingente, nos aparece como componente de individuação aberta à incessante criação e recriação de mundo, tão caras à imagem dos nômades. Neste cenário em ruínas, a ideia de natureza também entra em declínio, restando-nos um mundo “desnaturalizado”, aberto ao acaso, oferecendo-nos caminhos para nos aproximarmos, sem ressalvas ou pudores, da noção de ‘artifício’. Ao questionar os lugares de poder e as posições hegemônicas em jogo nos discursos que se valem da ciência, uma divulgação científica expandida

se voltaria antes para reverberar anseios, ampliar vozes e o tensionamento de formas de expressar o real, refundando assim seus pressupostos éticos e políticos.

GUILHERME FLYNN (UNICAMP) — TECNODIDÁTICA – O LABORATÓRIO DE TECNOLOGIA E COMPUTAÇÃO EM TEORIA SOCIAL: DESCOLONIZAÇÃO E DESALIAENAÇÃO TECNOPOLÍTICA DA PRODUÇÃO DE DEVIRES

Em uma era de conjuntos técnicos cibernéticos, na qual a alienação técnica se mescla com a alienação do trabalho de formas complexas e aparentemente inescrutáveis em algoritmos de relevância social, algoritmos performativos e “inteligências” artificiais, uma compreensão tecnoestética do hardware e do software se transforma em um combate tecnopolítico desalienante da técnica no qual está em jogo não somente o contemporâneo, mas também a descolonização e desalienação da produção de devires.

O “Laboratório de tecnologia e computação em teoria social” é uma proposta tecnopolítica concreta para a tessitura de uma didática que de fato leve em conta o modo de existência dos objetos técnicos na confecção de processos de ensino-aprendizagem desalienantes, descolonizadores e emancipadores em relação aos atuais processos dos *mega actantes digitais*.

Na prática seria um espaço no qual o ensino-aprendizagem se daria através da compreensão tátil, funcional e política dos objetos técnicos cibernéticos e redes digitais informáticas (o controle de modulação algorítmica de fluxos energéticos com papel informativo é necessariamente um controle do processo fragmentário de individuação do contemporâneo). A presença de equipamentos diversos abertos além do ensino da diferenciação entre elementos, indivíduos e conjuntos técnicos; também auxiliaria na discussão do conceito de meio associado, de tecnoestética — inclusive como uma beleza mais que visual, mas também tátil —, de linhagem técnica e de evolução dos objetos técnicos (através de diodos, bombas de vácuo, tríodos como transistores, etc). A discussão teórica de tecnologia seria a partir da alienação técnica de Simondon, e em nível maior a partir dos quatro conceitos de tecnologia de Álvaro Vieira Pinto e de diversos autores contemporâneos. Os princípios em relação aos

objetos técnicos digitais seriam os do hardware livre e os do software livre; e em relação aos processos didáticos-epistemológicos os da ciência aberta, da tecnologia como patrimônio comum da humanidade, do copyleft e de uma *ciência coletiva e transindividual* na seleção de objetos válidos de pesquisa, na confecção transdisciplinar de textos abertos e na criação de hardwares e softwares livres adequados à outras formas menos alienadas tecnicamente de produção do conhecimento.

Além disso, seria um laboratório aberto, para além da extensão universitária, a de fato aprender com a produção tecnopolítica contemporânea teórica e prática de movimentos sociais e povos originários, e a promover *formações tecnopolíticas* abertas com a sociedade civil organizada.

A ideia final é a de criação de novos conjuntos técnicos de produção do “conhecimento” no qual as máquinas não fossem “escravizadas”, mas compreendidas, alteradas e engajadas com software livre e hardware livre, e a autonomia intelectual do elemento humano encampasse também o radical combate à alienação técnica e outra relação com os seres técnicos para a criação de outros devires sociotécnicos.

GUSTAVO DE ALMEIDA BARROS (UFSCAR) — GILBERT SIMONDON E OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO EM TEMPOS DO SILÍCIO

A Pandemia da COVID-19 causou e vem causando grandes impactos em nossas vidas escancarando e acelerando, não apenas a criação e a evolução de objetos técnicos, como também de novas tecnologias resultantes do encontro do homem com o silício e seu uso em nosso dia a dia, e não seria diferente com a Educação. A evolução do objeto técnico está intrinsecamente relacionada com o meio em que vivemos e ao pensarmos o indivíduo a partir de seus processos de individuação não só o torna resultado dos problemas vivenciados, mas também passa a ser, de certa forma, indiscernível com o meio. Não devemos aqui, supor nenhuma unidade ou identidade, pois o indivíduo/meio compõe uma realidade metaestável que só conhece o presente. É perante sua realidade pré-individual, díspar da realidade Individual, que além de ser a gênese do indivíduo, não se esgota com os processos de individuação, e sim torna o indivíduo precário e

provisório. O ser individuado não é só uma criação como também criador do meio em que vive, tornando os desafios da Educação em tempos do silício uma questão Ontológica e Estética, pois proporcionando uma ação de re-existência inventiva perante uma semiótica dominante que acaba colonizando os corpos, não só os que vivenciam a Educação, como também das tecnologias e dos objetos técnicos que a atravessam.

HENRIQUE ANTOUN (UFRJ) — PRÉ-INDIVIDUAL, TRANSINDIVIDUAL E FANTASMA NA TEORIA DA CULTURA DE GILBERT SIMONDON

Como a cultura de si emerge hoje na era das redes? Vamos explorar essa questão através da teoria da individuação na cultura de Gilbert Simondon. O problema da cultura na atualidade é a produção das subjetividades e seus coletivos. Pode ser formulado através da questão de como podemos transformar um corpo em alguém. Pensar como uma cultura de si pode emergir no campo da subjetivação dominada pelo biopoder sendo constituinte das lutas biopolíticas. Na teoria da cultura de Simondon o pré-individual na individuação psico-coletiva se faz pela defasagem entre tecnologia e biologia, impulsionando os falantes culturais a se fazerem agentes da tecnopolítica. A dimensão transindividual da cultura se revela dominado pela cultura de si e assombrada em seu horizonte pelo fantasma.

HERMANO CALLOU (UFRJ) — ALIENAÇÃO E EMANCIPAÇÃO TÉCNICA EM SIMONDON

A filosofia da tecnologia de Simondon é apresentada na introdução de *Do modo de existência dos objetos técnicos* como uma esforço de crítica da alienação técnica. A alienação técnica em Simondon é tanto a alienação dos humanos em relação ao ser técnico, quanto a alienação do ser técnico em relação à sua própria humanidade. O projeto de conscientização do ser técnico de Simondon toma declaradamente como modelo analógico a abolição da escravatura, o que nos permite interrogar o que seria o objeto técnico emancipado de sua condição de escravidão. O programa de Simondon é declarado então como humanista, “se entendermos por humanismo a vontade de devolver a uma condição de liberdade aquilo que foi alienado do ser humano” (Simondon, 2020,

p.164). A “crítica da alienação” é parte de um repertório de estratégias críticas humanistas modernas, cuja validade foi sistematicamente questionada pelos anti-humanismos filosóficos da segunda metade do século XX. O conceito de alienação tradicionalmente deriva sua autoridade da pressuposição de uma natureza humana original que apenas contingencialmente foi alienada de si e que contém em si sua própria promessa de reconciliação. Esta comunicação pretende discutir a crítica simondoniana da alienação e do lugar que ela ocupa em seu projeto de filosofia da tecnologia, colocando suas formulações à prova das “críticas da crítica à alienação” (Jaeggi, 2014), realizadas posteriormente. Nesse percurso, discutiremos o horizonte de conceitos que permite Simondon elaborar a sua imagem de uma vida técnica emancipada, em especial o seu projeto de formação de uma cultura técnica.

MARIA DE FÁTIMA DE LIMA DAS CHAGAS (NÚCLEO DE TECNOLOGIA EDUCACIONAL MUNICIPAL) E KARLA ROSANE DO AMARAL DEMOLY (UFERSA) — AS EXPERIÊNCIAS HUMANA, SOCIAL E TÉCNICA NO COTIDIANO DA EDUCAÇÃO: UM DIÁLOGO INSPIRADO NAS IDEIAS DE GILBERT SIMONDON

Neste diálogo queremos oportunizar aos participantes uma reflexão sobre como compreendemos as experiências no campo da Educação, inspiradas nas ideias do filósofo francês Gilbert Simondon. O autor favorece nosso entendimento sobre as relações e interconexões entre o pensamento humano — projetos, sonhos, ideias, caminhos explicativos —, as sociedades que conservamos com nossas ações e os objetos técnicos aos quais nos acoplamos nas experiências da aprendizagem e do cuidado na educação. Para Simondon (1958; 2008):

“Longe de ser o vigia de um grupo de escravos, o homem é o organizador permanente de uma sociedade dos objetos técnicos que precisam dele como os músicos precisam do maestro. O maestro da orquestra só pode reger os músicos porque ele interpreta, como eles e tão intensamente quanto todos eles, a peça executada. Ele acalma ou apressa os músicos, mas é também acalmado e apressado por eles; de fato, através dele, a orquestra acalma e apressa cada músico. Ele é para cada um deles a forma movente e atual do grupo em sua existência presente; ele é o intérprete mútuo de todos com

relação a todos. Assim, o homem tem por função ser o coordenador e o inventor permanente das máquinas que estão à sua volta. Ele está entre as máquinas que operam com ele.”

Convidamos para uma reflexão sobre como acontecem as experiências da aprendizagem e do cuidado na educação, tomando esta relação de conjunto proposta por Gilbert Simondon que, em nosso entendimento, é necessária para ampliar o nosso olhar sobre o trabalho educativo no momento presente.

MAURÍCIO ROCHA (PUC-RIO) — BENTO E GILBERT: INDIVIDUAÇÃO COGNITIVA E TRANSINDIVIDUALIDADE

Uma fórmula é recorrente em Spinoza: a experiência ensina. Uma experiência que leva a um pessimismo sereno, a uma resignação desabusada, estranha ao otimismo utópico e à sátira – habituais no pensamento moral e político, por voluntaristas e utópicos. Mas, como o filósofo costumava notar, há coisas que ninguém ignora, mas a maior parte ignora a si próprio. O que esse paradoxo indica é que a maior parte se baseia na experiência para sustentar interpretações falsas e, sobretudo, não aplicam a si próprios o que veem nos outros. Portanto, as condições da experiência fazem com que ela seja opaca às suas próprias lições. Podemos afinal indagar se a pedagogia afeta os espíritos com o desejo do saber ou com o temor de aprender. Muitos aspectos nocivos da educação formal residem em práticas funestas, em deveres insípidos e contraproducentes, voltados para o adestramento, nos quais aquele que aprende não participa da significação social dos hábitos que adquire. Décadas de crítica sugeriram como contrapartida fazer com que a experiência do aprendizado se associe à experiência do comum – como conquista de um modo de agir em comum. E que se amplie essa experimentação por um processo de reconstrução imaginativa, um aprendizado que leve em conta a relação entre quem aprende e o meio no qual essa experiência é conduzida – o que podemos chamar de individuação cognitiva. Pois como pensar uma experiência isolada das condições nas quais ela se dá? Como supor que a natureza, meio no qual procede a experiência, seria exterior à própria experiência? E se, conforme

Gilbert Simondon, compreendermos a experiência como uma fase – como forma de interação no qual os dois elementos que compõem a experiência se modificam? Supor de um lado a natureza como conjunto de fenômenos e, de outro lado, aquele que experimenta é desconhecer que a condição para que uma experiência ocorra é justamente a mistura entre ambos – um encontro – e a contínua mudança das condições nas quais uma experiência é possível. É nesse sentido que a experiência pode ser cognitiva, isto é, que podemos aprender com a experiência, refletir, acumular e mudar. Além disso, em vez de imaginar jovens estudantes como sujeitos interinos, trata-se de compreender que educação é vida, não preparação para vida. E se, de fato, a pretensão pedagógica é a constituição de homens livres, primeiro é preciso não transformar a moralidade em polícia interior do espírito, além de compreender que a recompensa da experiência do aprendizado é imanente.

PATRÍCIA WEFFORT (UFPR) — SIMONDON COMO EDUCADOR: DO FETICHE À TOMADA DE CONSCIÊNCIA DOS SMARTPHONES

Durante as experiências e percepções nas aulas de Filosofia do ensino médio em escolas públicas paranaenses se tornou cada vez mais perceptivo um demasiado encantamento pelos smartphones, porém sem, de fato, conhecê-los tecnicamente. Propomos então uma tomada de consciência destes objetos aos moldes da filosofia de Gilbert Simondon, que perpassa pela educação para a técnica a fim de combater a alienação tecnológica que, segundo o filósofo, é fruto do desconhecimento da máquina.

PEDRO FERREIRA (UNICAMP) — INICIAÇÃO TÉCNICA HOJE: DO TRANSISTOR À INTEL

Na conclusão a *Do modo de existência dos objetos técnicos*, Gilbert Simondon propôs: “O objeto técnico apreendido segundo sua essência, isto é, o objeto técnico enquanto objeto inventado, pensado e desejado, assumido por um sujeito humano, se torna o suporte e o símbolo dessa relação que nós gostaríamos de chamar transindividual” (p.247). Antes disso, porém, em dois textos publicados nos *Cahiers Pédagogiques* em 1953 e 1954 (“Lugar de uma iniciação técnica numa formação humana completa” e “Prolegômenos para

uma refundação do ensino”), Simondon já havia demonstrado explicitamente a importância da “iniciação técnica” para a promoção de uma cidadania plena em um mundo mediado por máquinas. Proponho explorar, à luz dessas ideias: (1) a hipótese geral do transistor como “o suporte e o símbolo” de um transindividual eletrônico; e (2) os entraves específicos a uma tal individuação coletiva representados pelos esforços da empresa estadunidense Intel para se constituir como ponto de passagem obrigatório para a cidadania brasileira contemporânea, via parcerias com redes públicas de ensino (e.g.: Programa Intel Educar, Intel ISEF e Curso Ápice).

RAFAEL ROLO (DOUTOR PELA PUC-RJ E PROCURADOR DO ESTADO) — GILBERT SIMONDON E PAULO FREIRE: FORMAS DE ALIENAÇÃO E A LIBERTAÇÃO COMO PROCESSO PERENE.

A intervenção desenvolverá uma aproximação possível entre as pedagogias de Gilbert Simondon e de Paulo Freire, traçando paralelos entre ambas, em especial de modo a destacar diferenças e confluências de sentidos entre alguns dos termos caros a ambos os pensadores, tais como “humanismo”, “alienação” e “libertação”. Pretende-se uma análise crítica capaz de instituir uma espécie de aliança estratégica entre pedagogias tão diferentes, tais como aquelas de Simondon e de Paulo Freire, de modo a fazer sentido da alienação técnico-tecnológica típica da era da computação, fundada na exclusão de acesso do usuário ao código fonte. A lógica opressor-oprimido e a vocação humanista de libertação universal da condição de opressão, envolvendo tanto opressores, como oprimidos, tal qual desenvolvida por Paulo Freire, será confrontada com a lógica de um universalismo cibernético de que trata Simondon, com vistas a apontar para uma linha de fuga (i.e., para a criação de uma gama de possibilidades) que permita evitar que o paradigma de humanidade do oprimido seja equalizado ao de uma subjetividade opressora. Tal via emancipatória partiria da premissa que causalidade e finalismo se interpenetram num projeto perene de libertação, permitindo seguir outros rumos que não aqueles instituídos. Defender-se-á que, para muito além de uma utópica da liberdade, Simondon e Freire sugerem uma militância da libertação.

THIAGO NOVAES (MAPP/UFC) – ONTOGÊNESE DO ESPECTRO E POLÍTICA PÚBLICA DE COMUNICAÇÃO NA ERA DIGITAL

O presente estudo tem por objetivo apresentar o método ontogenético de Gilbert Simondon para pensarmos os objetos técnicos, voltando-nos especificamente para a tomada de consciência sobre relações que amplificam ou dificultam o acesso ao espectro radioelétrico. Um tal exercício pretende lançar luz à contribuição de Simondon à Educação a partir da descrição da gênese do espectro, outrora singularizado na era analógica, passando agora a tecnicidades que conformam o que chamaremos de era digital. A comparação parece oportuna por permitir a descrição dos objetos técnicos além de seu caráter artificial, assumindo como sentido de sua evolução a concretização, na natureza, de novas relações técnicas, emergidas da evolução de elementos e conjuntos técnicos que definem tanto a essência quanto o meio associado que caracterizam esse onipresente “vazio” comunicacional conhecido como espectro. Por fim, a pesquisa pretende introduzir uma concepção de espectro pluri-funcional, orientado para o aumento da margem de indeterminação como índice de valorização da iniciação técnica para a cidadania e a autonomia, tanto por meio dos acoplamentos humanos com os indivíduos técnicos, quanto da construção das infraestruturas complementares de comunicação social na esfera pública.

VERONICA DAMASCENO (UFRJ) – ENTRE A TECNOEDUCAÇÃO E A TECNOESTÉTICA: SIMONDON EDUCADOR

Este trabalho tem como objetivo introduzir o modo como compreendemos a Educação na perspectiva de Gilbert Simondon. Pretendemos, inicialmente, introduzir o problema colocado por ele, acerca da individuação intensiva e, a partir disso, apresentar a relação do indivíduo com a Educação, tendo em vista abordar o modo como o pensamento estético possibilita a inserção da educação tecnológica. Compreendemos que a abordagem simondoniana, acerca da educação tecnológica, se aproxima de sua perspectiva acerca da individuação na medida em que ele postula o encontro dos vínculos entre o enciclopedismo e a educação técnica. Para ele, esse vínculo precisa ter uma coerência entre o aprendizado simultâneo e o sucessivo na universalidade temporal, bem como a

continuidade, e não a separação, da educação da criança e do adulto. Segundo o autor, ao excluir a historicidade, o enciclopedismo introduz o homem numa falsa enteléquia, pois essa etapa é rica em virtualidades. Simondon assinala ainda a necessidade de uma educação técnica para se pensar e compreender a função do objeto técnico, tendo em vista a correta imaginação e perfeição estética de sua estrutura e de sua relação com o mundo. Tal educação visa ainda à percepção da beleza dos objetos técnicos e, sobretudo, a inserção dos esquemas técnicos num universo. Desse modo, a obra estética se caracteriza pela sua potência de passagem entre o mundo natural e o universo técnico.

**E-mail para inscrições:
educacao@gilbertsimondon.org
com o assunto INSCRIÇÃO SIMONDON**

**Certificado para 50% da frequência
presencial ou remota**

**Faculdade de Educação/UFRJ
Sala Moniz Aragão - Palácio Universitário
Praia Vermelha - 2º andar**



LISE
Laboratório do Imaginário
Social e Educação - UFRJ